



DAS FALSIDADES SOCIAES

7 — VII — 1923.

Entre as muitas hypocrisias que conturbam a alma humana sobresae uma, por ser talvez a mais comum: é a apparencia da cordialidade e affecto com que são acolhidos os visitantes. Estes recebem innumeras demonstrações de carinho dos amphytriões, brandas reprehensões por não aparecerem com frequencia e, no entanto, a maior parte das vezes, essas manifestações de amizade e regosijo não têm o menor cunho de sinceridade, são apenas um simulacro de affeição e urbanidade...

Mal se ausentam, começam a fervilhar censuras reciprocas... Os que saem se recordam de alguma falta de attenção de que forem alvo; reprovam qualquer desidia das pessoas em cuja residencia estiveram; comentam a educação deficiente das creanças e os trajes que usavam, achando-os com falta de hygiene ou apuro; fazem reparos nos moveis e utensilios domesticos. Os que ficam, por seu turno, se mostram descontentes, lastimam que os amigos houvessem prolongado em demasia a permanencia em sua habitação, pois tinham affazeres a concluir; relembram como eram suas *toilettes* — com falta de esthetică ou com apparato excessivo, e suspeitam, ás vezes, terem uma origem illicita...

E, assim, visitantes e receptores, representam, continuamente, uma comedia ridicula de perfida cortezia...

Quando ha de imperar a sinceridade em todos os actos sociaes? Quando hão de as creaturas se considerar, umas ás outras, membros de uma só familia?

Ai! por muito tempo ainda ha de a dissimilação reinar sobre a Terra como soberana mundial, occultando as verdades excelsas pelas quaes profligamos: — Fraternidade, nobreza de sentimentos, progresso animalico!

Vós, porém, Espiritas, que desejaes evoluir em limitado espaço de tempo, deveis começar *agora* a gloriosa campanha em prol da lealdade, que vos trará beneficios psychicos incalculaveis.

Transformae os vossos lares em recintos de paz e de lidima fraternidade. Sede leaes para com todos os que se approximam de vós. Mostrae, sempre, inalteravel calma e delicadeza em vossas palestras. Evitae fazer referencias malevolas aos ausentes, e nunca lastimeis o tempo decorrido na convivencia dos que buscam os vossos domicilios, para cumprimento de um dever social, nem lhes exponhaes, em conversações desagradaveis, as vossas enfermidades, as vossas contrariedades, os vossos dissabores domesticos, as incorrecções praticadas por vossos filhos ou os vossos servos...

Por sua vez devem lembrar-se os visitantes que não é conveniente prolongar demasiadamente a sua estadia na residencia de pessoas amigas, mas de condições humildes, que não possuem famulos, e têm misteres domesticos a concluir.

Deve ser abolida a permanencia muito dilatada em lares alheios, salvo, — como é habito europeu, — quando ha designação de um dia na semana para recepções. Ficam, então, as *menagères*, ao inteiro dispor das pessoas de suas relações, em horas convencionadas, estan- do para isso previamente preparadas para as attender

com affagos e jubilos, com as habitações ornamentadas para esses festejos intimos e apraziveis, em que ha musica, flores, iguarias delicadas, palestras sobre assuntos artisticos e de agrado geral.

No Brasil, infelizmente, ainda não foi adoptado, senão por limitadas familias, esse louvavel costume.

As visitas são feitas em qualquer dia e em hora indeterminada, o que dá margem a encontrarem as *ménagères* desprevenidas, como trajes modestissimos, que necessitam ser substituidos por outros melhores, sendo mister demorar a aparecer-lhes, o que causa pessima impressão aos recem-chegados.

Estes, quando se retiram, as censuram por isso, não imaginando que as receptoras tiveram de interromper trabalhos domesticos imprescindiveis, o que não deixa de as constranger, e, nessas aperturas, não apreciam uma palestra que se torne importuna.

Para se evitarem essas consequencias desagradaveis, todos deveriam estabelecer o costume de não prolongar sua estadia em um domicilio particular por mais de 30 minutos.

Ha conveniencia para os visitantes e os amphitriões na adopção desse regimen. Naquelle espaço de tempo podem-se permutar idéas e indagar sobre a saude dos presentes e ausentes, evitando minucias, arguições curiosas, muitas vezes penosas aos interrogados.

Convençam-se quasi todos que, geralmente, tem maior merito uma visita que demore uma fraccão de hora do que a que a excede, porque, neste ultimo caso, os que a recebem ficam fatigados, necessitam repousar, mórmente se o fazem á noite, destinada ao descanso e ao somno.

Não me refiro, nesta ligeira confabulação espiritual, ás pessoas estreitamente unidas pelos vinculos de profunda affeção, ou de intimo parentesco, pois, para

essas não ha outro codigo a servir-lhes de norma senão os proprios sentimentos germinados em almas affins.

Faço allusão exclusivamente ás relações sociaes communs, aconselhando aos que buscam as moradas alheias reflectir que, por mais modestas que sejam, ha nellas, sempre, affazeres ou serviços inadiaveis, e, por isso, não devem querer causar transtorno aos seus habitantes, prolongando excessivamente suas palestras, ás vezes futeis, enfadonhas ou malevolas...

Esse habito é reprovavel, e, infelizmente, está ainda muito arraigado nos occidentaes, dando origem a uma verdadeira burla de parte a parte, uma genuina comedia de hypocrisia... Os visitados insistem com os conhecidos para que se demorem, quando os vêm erguer-se para as despedidas, desejando, intimamente, o contrario, para terminarem labores encetados e deploravelmente paralysados. Por seu turno os estranhos, ou amigos, — que sempre os ha desse jaez, — prometem voltar brevemente e com mais delonga, mas apenas se ausentam, confidenciam uns aos outros que morriam de tedio e anhelavam por se retirar, havia muito tempo...

Eis a farça banal e lamentavel representada em incontaveis habitações deste globo, quotidianamente...

A sociedade, que tem progredido intellectualmente, que aprimora suas vivendas, tornando-as apraziveis e confortaveis, que apura suas vestes e seus adornos, continua, entretanto, no recesso dos lares, como em todos os locaes onde se congrega para permutar pensamentos, como o era ha seculos: frivola e sem lealdade!

Pedro.



OS TRANSVIADOS

29 — 1.^º — 1913.

Se todos os seres humanos avaliassem o alcance e a responsabilidade de uma falta commettida neste planeta, enquanto a alma se acha aprisionada á carne, não a praticaria jamais...

São os delinquentes os causadores de seus futuros infortunios, isto é, fazem jús ás penas que lhes são applicadas proficuamente para se lhes desalojarem dos espiritos ennegrecidos e sáfaros as manchas e as urzes de crimes horripilantes...

Os desencarnados tambem não se isentam de culpabilidade quando perpetram qualquer delicto previsto pelas Leis divinas.

São elles, muitas vezes, os suggestionadores de actos deshumanos praticados por individuos sem escrúpulos, que recebem com jubilo suas capciosas insinuações, e utilizam-se delles como excellentes instrumentos de vingança e machiavelismo.

Geralmente os emissarios sideraes velam pelos virtuosos, sensatos, cumpridores de todos seus deveres sociaes e espirituales, e annulam as injuncções dos desmaterialisados perversos, não os deixando intuir-lhes pensamentos maleficos para a consummação de actos reprovaveis. Mas, as creaturas de conducta irregular,